

Religião como Variável para se Pensar a Juventude: Um "Modo Jovem" de Ser Religioso.

Marcos Arcanjo de Assis

Graduando do Curso de Ciências Sociais pela UFMG

Palavras chaves:
Religião,
Juventude,
Minas Gerais

Key words:
Religion,
Teenager,
Minas Gerais

RESUMO: A partir da análise dos dados quantitativos sobre religião referentes à Belo Horizonte e cidades vizinhas, pensa-se a religião como uma variável relevante para a compreensão da juventude. O texto quer mostrar que a religião é também uma variável privilegiada quando se pensa em juventude, e pode trazer importantes inferências para sua compreensão e de um modo jovem de ser religioso.

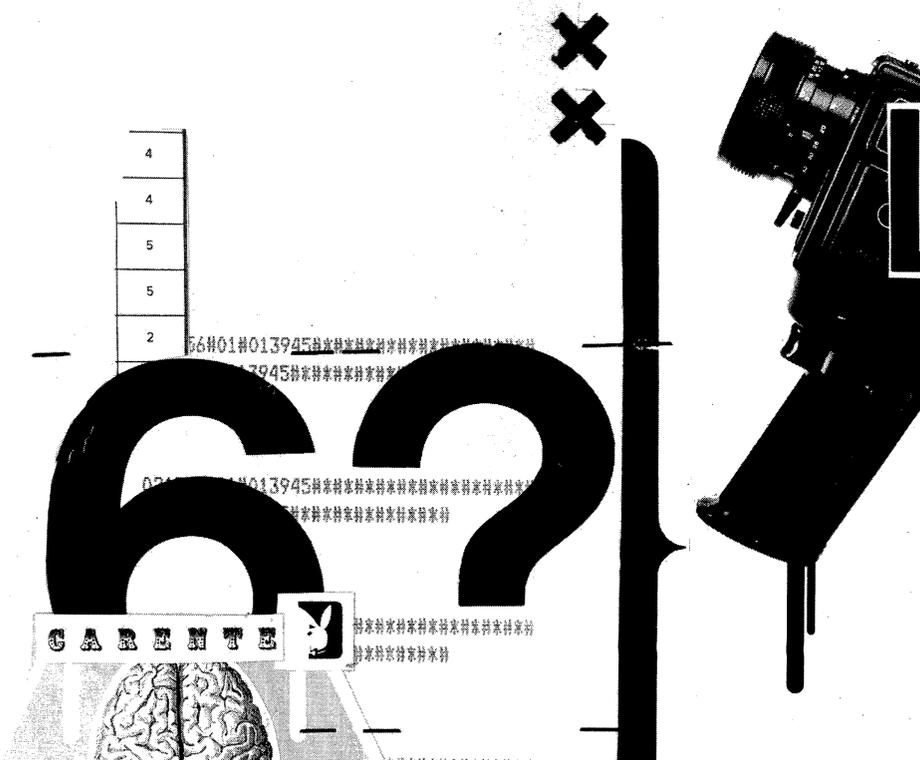
ABSTRACT: Analysing data from a survey held in Belo Horizonte and neighboring cities that covered religious aspects of young people's lives, religion is taken as a relevant aspect for understanding the youth. The paper intends to show that religion is also a privileged variable when it is thought about young people, and can bring important inferences for understanding a young way of being religious.

Introdução

A pesquisa "Religião Política e Cultura entre a Juventude de Minas Gerais" foi idealizada em 2001 pelo Programa de Pós Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora a partir de um questionário sobre religião e valores morais aplicado entre alunos do terceiro ano do ensino médio da rede pública de ensino do estado. O questionário foi administrado juntamente com o projeto do Sistema Mineiro de Avaliação Pública (SIMAVE) que anualmente verifica a qualidade do ensino público, através da aplicação de testes de conteúdo em alunos desta e de outras séries escolares. O objetivo do projeto é investigar as relações entre religião, política, cultura e a juventude do estado, a partir de uma

abordagem que utiliza, de forma articulada, metodologias quantitativas (a partir da análise deste survey) já desenvolvida, e qualitativas (através da realização de grupos focais) em desenvolvimento pela equipe.

Em 2003, o professor Marcelo Camurça, do Programa de Pós Graduação em Ciência da Religião da UFJF e coordenador da pesquisa, convidou a professora Léa Freitas Perez, membro do Centro de Estudos da Religião Pierre Sanchis da UFMG para se integrar ao projeto. Como recém selecionado membro do Programa de Educação Tutorial das Ciências Sociais, integro-me também ao projeto, passando à revisão bibliográfica e análise dos dados do survey aplicado entre os estudantes¹.



Este texto pretende mostrar as primeiras impressões do projeto através de uma exposição da bibliografia lida, dos dados analisados e das conclusões preliminares. Na verdade, como a temática religião e juventude ainda é incipiente no campo das pesquisas em ciências sociais, o objetivo maior aqui é, a partir da articulação da bibliografia e das observações preliminares dos dados da primeira etapa da pesquisa, tentar construir uma caracterização mais clara da relação entre juventude e religião mostrando que a religião é uma variável relevante quando se pensa em juventude, e que pode trazer importantes inferências para a compreensão da juventude e dos modos de ser jovem. Tenta-se mostrar que a esfera religiosa influi e até mesmo condiciona as condutas sociais dos jovens, em suas dimensões éticas e morais. Para isso, dividirei o texto em quatro sessões. Num primeiro momento, procuro explicitar o conceito de juventude que apóia meu argumento. Em seguida, de maneira breve, considero os estudos sobre juventude e religião anteriores ao do projeto aqui referido. Na terceira sessão, discorro sobre as características e os principais resultados da pesquisa referentes à amostra que coube à análise da equipe da UFMG. E, por fim, dedico à última sessão ao objetivo central do texto e à algumas conclusões possíveis de serem apresentadas.

A Juventude na Sociologia

Os critérios definidores da juventude como um tempo de vida estão marcados por construções históricas e culturais próprias de cada sociedade, o que dificulta uma categorização homogênea desta variável. Quando se fala em juventude, há várias imagens e conceitos que se contradizem trazendo explicações diferentes sobre as especificidades deste segmento. Muitos autores se dispuseram a tratar deste tema, cada um trazendo importantes contribuições para a tentativa de construção de um conceito de juventude para a sociologia².

O que mais se tentou, nestes estudos, foi trabalhar a idéia de juventude desvinculada de critérios rígidos e etários. Esta é, segundo Dayrell (2004) uma concepção hegemônica dentro deste campo de estudos, e trata este tempo de vida como "associado a um imaginário social" que diz o que se pode fazer nesta idade, sendo "necessário adequar-se a um conjunto de normas socialmente definidas" para esta etapa da vida (op. cit., p. 1). Desta concepção, desprende-se uma idéia negativa a respeito da juventude, compreendendo o jovem como um "vir a ser", ou seja, pensando que somente quando adulto, o jovem encontra sentido para suas ações do presente (op. cit., p. 2-3). Também Novaes (1998) aponta para uma imagem negativa da juventude, como "lugar privilegiado para expressão de todo o mal-estar social" (op. cit., p. 5). Aquela fase em que se evocam os problemas da sociedade, como a violência, as drogas, a irresponsabilidade. E Peralva (1997), ao se remeter aos primórdios da sociologia da juventude na década de 50, que nos remonta à

Escola de Chicago, aporta para sua constituição como uma "sociologia do desvio: o jovem é aquilo ou aquele que se integra ao mal, que resiste ação socializadora, que se desvia em relação a um certo padrão normativo" (op. cit., p. 6).

Além destes exemplos de concepções acerca da temática da juventude, outros fatos e concepções contribuíram para que este segmento aparecesse como categoria socialmente destacada nas sociedades contemporâneas. Surge uma indústria cultural especializada pelas faixas etárias e destinadas à "juventude", emergindo os consumidores jovens. Ademais, vários projetos e iniciativas foram criados para se trabalhar com a juventude, enfocando suas relações com a arte, a educação, o mercado de trabalho, a política e, recentemente, a religião. A própria Novaes (1998) compôs uma agenda com treze pontos de debate sobre as iniciativas de trabalho com os jovens no Rio de Janeiro em que essas relações se encontram presentes.

Neste contexto de gradativa expressão e relevância da juventude enquanto fenômeno social passa-se aos poucos a considerá-la como uma condição social, definida além dos critérios etários e biológicos. O conceito é buscado mais como uma "condição", uma "maneira de ser", um "ethos". Margulis e Urresti (1996) concatenam o fator biológico com o social quando empregam, para entender a "juventude", os conceitos de "moratória vital" e "moratória social". O primeiro diz respeito à posse de uma predisposição física, advinda de uma condição etária e biológica, para a não preocupação com a finitude, a aventura, o risco e a fruição ilimitada da vida. E o segundo a um não limite e descompromisso com obrigações e amarras sociais regendo essa fruição de "aproveitar a vida". Contudo, dentro deste aspecto geral que define "juventude", há uma variabilidade de modos de "ser jovem", atravessado por clivagens de classe, gênero, cor, sexualidade e religião, que no meu entender, limitam ou potencializam essas "moratórias". Inúmeras combinações podem ser feitas entre essas determinações socioculturais e a condição etária emergente, resultando em especificidades marcantes no vivenciar a "juventude". Contudo, a realidade do recorte geracional se impõe, marcando experiências sociais e históricas distintas e em tensão entre uma geração anterior (jovem) e uma posterior (adulta). Segundo Novaes (2001) a juventude brasileira atual é tecida de uma experiência geracional comum, sobretudo por três aspectos, além do biológico (este critério passa pelas moratórias já citadas). Através de interações semelhantes com as esferas social/cultural dentro de uma mesma geração "jovem" pode-se explicitar esses indicadores concretos como comuns à experiência representativa da juventude (brasileira) na atualidade. Tais aspectos seriam: "as mudanças no mercado de trabalho, a violência urbana, e a comunicação virtual" (op. cit., p. 185).

Seguramente, estes aspectos atingem de maneira diferente os múltiplos recortes e clivagens relacionados acima, mas para Novaes "uma

1. Os resultados da primeira etapa da pesquisa já foram apresentados na XXIV Reunião Brasileira de Antropologia em Olinda em 2004 e no XII Congresso Brasileiro de Sociologia em 2005 em fóruns e mesas redondas de temática envolvendo "Religião e Juventude" pelas duas equipes da pesquisa.

2. Destaca-se principalmente, ABRAMO (1994), DAYRELL (2004), PERALVA (1997), NOVAES (1998), FEIXA (1998)

das características deste 'novo tempo' é que os jovens de diferentes classes sociais podem vir a sentir insegurança sobre o trabalho futuro", sobretudo porque este segmento converge toda uma pressão por obtenção de emprego (op. cit., p. 185). No caso da violência, essa falta de temor pelo risco e a finitude fazem dos jovens o extrato que mais se envolve, e que é mais vitimizado, em contextos de violência. Do mesmo modo, a juventude desenvolveu a aprendizagem de uma nova linguagem dos computadores, jogos eletrônicos e Internet, pela qual adquirem incessantemente novas informações.

Os exemplos acima são maneiras de enxergar e tratar a juventude passando por explicações que tomam o segmento como uma condição social. Nesse sentido, os estudos sobre este fenômeno pretendem desassociar a idéia de "juventude" necessariamente referida a um ciclo biológico natural que demarca "fases da vida", antecedida pela infância e sucedida pela maturidade. Procura-se pensar na juventude enquanto condição de ser, ou um modo particular de se relacionar com a sociedade, que varia segundo as clivagens já mencionadas. Partindo deste pressuposto, Dayrell (2003) enfatiza "a noção de juventudes, no plural, para [considerar] a diversidade de modos de ser jovem existentes", ainda que marcados por uma experiência geracional comum (op. cit., p. 5).

Juventude e Religião: um Campo de Pesquisas Incipiente e em Expansão

Quando se pensa nas pesquisas sobre juventude no campo das ciências sociais, percebe-se que os estudos sofreram mudanças desde que iniciaram na década de 70. O grosso da produção acadêmica sobre o segmento, neste período, tratava de estudos sobre universitários e sofreu um refluxo alargando as pesquisas a diferentes esferas sociais. Surgem, então, produções acadêmicas que mostram a relação da juventude com as temáticas da criminalidade, violência, sexualidade, trabalho e escola. "E recentemente, destaca-se o conjunto de trabalhos que têm investigado novas dimensões do cotidiano da experiência social entre os jovens estudantes, dentre outras a religião" (CAMURÇA; TAVARES, 2004).

A pioneira nas pesquisas entre religião e juventude é Regina Novaes com seu artigo "Religião e Política: sincretismos entre os alunos de Ciências Sociais" da UFRJ, no qual apresenta o resultado de um survey aplicado entre os alunos de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS - UFRJ) que pretendia, segundo a autora, perceber as quebras e continuidades das experiências religiosas dos jovens universitários em relação à sua experiência como aluna do IFCS na década de 70.

Em 2000, realizou-se a pesquisa "Religião e Política entre alunos de Ciências Sociais", coordenada por pesquisadores do Núcleo de Estudos da Religião (NER) da UFRGS em parceria com pesquisadores da UFRJ, UNISINOS, PUC-RS, UFJF e

UFMG. Seu objetivo era o de "traçar um perfil dos alunos de Ciências Sociais no final dos anos 90, no que diz respeito às suas opções religiosas e política" (STEIL REYES; ALVES, 2001, p. 16). Tal pesquisa apresentou resultados importantes sobre a religiosidade dos alunos de Ciências Sociais, e incitou a vários encontros e debates posteriores sobre o tema, e seguramente ao projeto referido acima e do qual faço parte.

Essas pesquisas apontam resultados interessantes acerca do comportamento religioso dos estudantes já que o número de jovens estudantes universitários que dizem ter religião ultrapassa a casa dos 50%. Na pesquisa pioneira de Novaes, este índice era de 56%. No survey envolvendo as seis universidades, 52% dos alunos de Ciências Sociais responderam "sim" a esta pergunta. E no projeto conjunto da UFMG e UFJF, mencionado acima, surpreende o fato de 94,4% dos jovens secundaristas dizerem ter religião. Neste sentido, a religião ainda apresenta uma grande relevância no modo de ser da juventude o que, ao meu ver, merece ser estudado com maior zelo.

A Religião e os Jovens Mineiros do Pólo Capital.

A primeira etapa da pesquisa sobre a juventude mineira foi realizada a partir dos dados do questionário sobre religião aplicado aos alunos do terceiro ano do ensino médio da rede pública de ensino do estado. A amostra produzida por este survey teve um total de 11481 alunos dentre as escolas avaliadas pelo Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública, constituindo a moldura da pesquisa. O questionário sobre religião continha oitenta questões que abrangiam perguntas sobre confissões, crenças e participação religiosas, além de perguntas sobre valores morais e participação política. O processamento dos dados da pesquisa ficou a cargo do Centro de Avaliações de Políticas Públicas em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

As escolas onde os questionários foram aplicados se distribuem em cinco pólos geográficos, levando em conta a proximidade de regiões e cidades do estado. São elas: Zona da Mata, Centro Sul, Norte de Minas, Triângulo e Capital. Este último pólo ficou a cargo da equipe da UFMG e correspondia a 33,8% dos questionários de toda a amostra, ou seja, 3881 jovens alunos³. A amostra produzida por este survey não representa a totalidade da população alvo da pesquisa. No entanto, o grande número de questionários aplicados e a compatibilidade entre os dados obtidos e pesquisas anteriores sobre juventude, que foram mencionadas anteriormente, sugerem que esses dados, embora não representem a totalidade da população-alvo, refletem com boa margem de segurança as principais tendências do segmento social por nós trabalhado.

Feitas essas considerações acerca da natureza do material empírico utilizado pelo projeto, antes de iniciar a breve descrição dos dados referentes aos jovens estudantes do pólo capital, faz-

se importante considerar que as "afirmações" feitas a partir dos dados deste survey, devem ser relativizadas e consideradas como hipóteses a serem mais bem trabalhadas e discutidas. Tarefa que será empreendida a partir da análise dos grupos focais em desenvolvimento.

Em linhas gerais, o perfil dos jovens entrevistados no pólo capital se figura da seguinte maneira: o grupo é fundamentalmente feminino, não-negro, majoritariamente solteiro e sem filhos. O percentual de jovens que trabalha é de 38,8% enquanto 33,6% somente estudam.

O módulo sobre religião partia de perguntas sobre pertencimento religioso, passando sobre as formas de participação religiosa, crenças, tolerância e relacionamento com outras religiões. A maioria dos estudantes, 92,9%, disseram ter religião e dentre eles 70,6% disseram ser católicos. As outras denominações religiosas seguem a seguinte ordem e frequência: 10,4% protestantes, 10,1% pentecostais, 2,6% espíritas e 0,3% candomblé e umbanda. Os sem religião somam 5,9%. Essa sequência, embora com índices distintos, é a mesma encontrada para o Brasil no Censo de 2000⁴.

A escolha da religião destes jovens é entusiasmada, no sentido de ser influenciada pelos pais. 55,4% escolheram esta resposta quando perguntados quem mais influenciou nesta escolha. Por outro lado, percebe-se que nessa geração a religião já se mostra como uma escolha individual, visto que 36,1% dos estudantes escolheram a opção "motivos pessoais" ao responder esta pergunta, evidenciando assim uma relativa individualização da escolha religiosa em relação à religião como tradição familiar.

Quanto à participação nas atividades de sua religião, 53,6% dos estudantes respondeu que pelo menos uma vez por semana participa das atividades próprias de sua religião. O tempo semanal despendido a essas atividades é pequeno, sendo o índice mais alto de participação o de duas horas por semana. 78,5% dizem fazer oração diária e 37,4% dizem contribuir financeiramente de vez em quando nessas atividades. Percebe-se assim uma comedida participação destes jovens nas atividades de sua religião.

A atitude de tolerância religiosa é moderada dentre os jovens estudantes pesquisados. Uma série de questões relativas a este tema pretendeu descobrir o grau de relação que os jovens teriam com pessoas de outras religiões. 60,4% deles afirmam aceitar ter amigos de qualquer religião, por outro lado, este índice cai quando se trata da escolha do cônjuge (40,6% aceitaria casar com pessoas de qualquer religião). O interessante é que os jovens protestantes e pentecostais são os que mais assumem atitudes de intolerância perante pessoas de outras religiões, já que no conjunto das religiões professadas, encontramos entre eles, os maiores índices de não-aceitação de amigos e cônjuges de qualquer religião. Em certa medida, essa constatação nos leva a pensar sobre a relação de sociabilidade estabelecida entre protestantes e pentecostais, que tratarei mais adiante.

Por fim, os jovens pesquisados foram interpellados em relação à alguns juízos e questões de cunho moral. Sobre esse ponto, eles parecem se expressar de maneira mais obscura do que no campo da religião. Uma das hipóteses do projeto era a de que a religião seria uma variável relevante no tratamento de questões como a virgindade, aborto, união homossexual, fidelidade e pena de morte. Porém, o que os dados mostram é a existência de uma relativa confusão dos jovens em relação a tais juízos quando considera-se o conjunto das religiões auto-declaradas.

Vamos por partes. Em relação à virgindade feminina e masculina, a maioria dos jovens discorda de sua manutenção até o casamento, havendo uma leve destoância entre estes índices (63,6% e 73,3% respectivamente). Porém, quando cruzamos esta variável com a religião encontramos diferenças significativas na visão dos jovens sobre a virgindade de uma religião para outra. Os protestantes e pentecostais são aqueles que mais concordam que os homens e mulheres devam permanecer virgens até o casamento. Esse dado aos olhos da nossa equipe de pesquisa, sugere uma aproximação e coerência com a posição da doutrina das religiões protestantes e pentecostais quanto à preservação da virgindade. Entre os católicos, 74,2% discordam da obrigatoriedade da preservação da virgindade, o que nos pareceu inusitado, sabendo a posição meramente a favor da virgindade marcada pela Igreja Católica.

O mesmo ocorre com as perguntas sobre o aborto. 74,7% discordam de que o aborto deva ser uma decisão livre da mulher, 64,2% concordam que ele se justifica em caso de estupro e 71,7% discordam de que o aborto não possa ser justificado em nenhuma circunstância. De toda sorte, há um índice bem mais alto de concordância com a afirmativa de que o aborto é uma decisão livre da mulher entre católicos (26,2%) do que entre protestantes (16,6%) e pentecostais (16,9%), mesmo a igreja católica tendo defendido forte oposição ao aborto nos últimos tempos. De igual maneira, quando se trata da afirmação de que o aborto não pode ser justificado em qualquer circunstância, os católicos discordam em maior número do que os protestantes e pentecostais (75,1% contra 58,3% e 60,4% respectivamente), o que nos encerra uma relativa confusão entre os jovens católicos na consideração deste valor.

O que quero frisar a partir da descrição destas duas variáveis é que os jovens se expressam de maneira confusa em relação às questões de moralidade e sexo, visto que, majoritariamente, discordam da preservação da virgindade e da não-justificação do aborto em casos de estupro e em nenhuma circunstância; concordam com a união homossexual e a implementação da pena de morte no Brasil; mas ao mesmo tempo, se colocam mais fechados em relação a questões da fidelidade, da decisão livre para o aborto, explicitando, assim, esta certa falta de clareza ao se posicionarem em relação a questões dos valores. Por outro lado, se consideramos a religião destes

3. A área geográfica abrangida pelo pólo capital e que ficou a cargo da equipe do CER - UFMG diz respeito à região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e os seguintes municípios: Barão de Cocais, Catas Altas, Santa Bárbara, Santana do Riacho, Baldim, Capim Branco, Florestal, Jaboticatubas, Matozinhos, Nova União, Rio Manso, Taquaraçu de Minas.

4. Para o Brasil, os números são os que seguem: católica - 73,8%; evangélica - 15,4%; espírita - 1,4%; afro-brasileira - 0,3%; outras - 1,8%; sem religião - 7,3%.

estudantes percebemos que, frente a estes temas, ela mantém um papel de comedia relevância entre os jovens, uma vez que ora influenciou na posição dos estudantes frente aos temas, ora não, determinando, dessa maneira variações entre os diferentes tipos de religião confessadas.

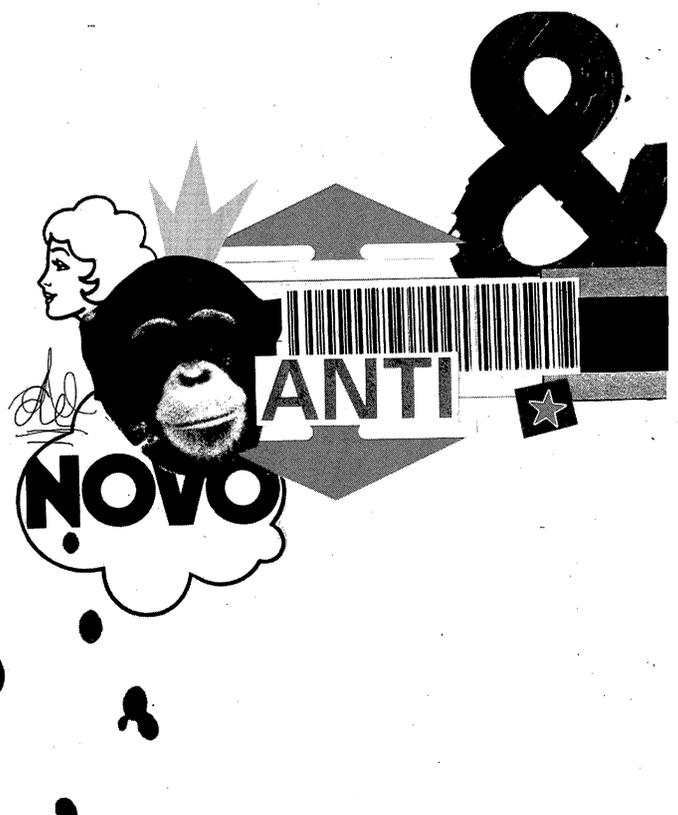
Em síntese, os jovens estudantes pesquisados seguem as tendências gerais que têm sido apontadas para a religião em nosso país e para juventude brasileira como um todo. Eles são francamente católicos, influenciados pelos pais na escolha de sua religião, mas um bom número deles já escolhem sua religião individualmente. Sua participação nas atividades religiosas é modesta. A religião não tem grande influência na escolha de amigos, mas ao contrário, tem significativa influência (a maior) na escolha do cônjuge. Nota-se entre os jovens mineiros entrevistados uma certa tendência a posicionarem-se mais nitidamente, de maneira mais clara no campo da religião do que no de questões morais, fato evidenciado nas questões relativas a este campo que mostram a religião, por vezes influenciando as posições dos estudantes frente ao tema, mas não como via de regra.

Um Modo Jovem de Ser Religioso

Nas suas pesquisas sobre a juventude e os grupos musicais do *rap* e do *funk*, Dayrell (2003) procura olhar para os jovens além dos grupos musicais, compreendendo-os como construtores de um "determinado modo de ser jovem" (op. cit, p.1). Objetivo que, segundo ele, ainda não tinha sido contemplado pela produção teórica acerca do tema, que deixava em aberto a compreensão dos jovens destes movimentos como sujeitos sociais bem como os significados das identidades que eles criam como rappers e funkeiros. Diante deste objetivo e desta lacuna, o autor aponta a

urgência de se pensar nas maneiras pelas quais os jovens constroem sua experiência a partir da realidade em que se inserem, por exemplo, como pertencentes a estes grupos musicais, ou como indivíduos das camadas populares. Assim, Dayrell passa a analisar sua pesquisa com jovens ligados aos grupos de *rap* e *funk* evidenciando como eles, "enquanto sujeitos sociais, constituem um determinado modo de ser jovem, a partir de seu cotidiano" (op.cit, p.3). Não cabendo aqui uma descrição exaustiva das conclusões desta pesquisa, me parece importante apontar a conclusão principal tirada pelo autor após a análise que se propôs. Segundo ele, a vivência cotidiana nos grupos de *rap* e *funk* fez com que os jovens assumissem práticas, relações e símbolos através dos quais atualizavam uma identidade própria de jovem, ou seja, uma "forte referência na elaboração e na vivência de suas condições juvenis" (op. cit, p.19). Assim, estes estilos musicais funcionariam como 'mediadores' de um determinado modo de ser jovem. O que pretendo desenvolver nas próximas linhas é, a partir de alguns dados da pesquisa, mostrar que a religião funcionaria também como esse mediador, influenciando e às vezes determinando a conduta e relações juvenis, e por que não, constituindo também um modo jovem de ser religioso.

Após a análise dos dados apresentados na sessão anterior, num primeiro momento, talvez não chame a atenção o fato da imensa maioria dos estudantes secundaristas ter respondido sim à pergunta "você tem religião", sabendo da presença e importância que a religião tem na sociedade brasileira. Por outro lado, em se tratando de juventude e do ethos que a caracteriza como uma "maneira particular de estar no mundo", tal como apresentei na segunda sessão deste texto, é plausível que se procure entender por que e



como a religião ainda faz parte do universo que permeia a juventude (NOVAES, 2001, p. 179).

Em primeiro lugar, ao analisarmos as frequências das crenças religiosas que estes estudantes disseram ter, encontramos 82,1% dos respondentes que afirmam acreditar em milagres, 69,9% em anjos/demônios e 53,2% em vida após a morte. Não seria significativo o índice de respostas afirmativas a esses tipos de crenças em se tratando de jovens, e jovens entendidos como uma "condição", uma "maneira de ser" detentora das moratórias vital e social? Novaes (2001) adota como um ponto de vista particular o fator biológico como representação da juventude, a partir da noção das moratórias. A juventude, sem considerar os recortes de classe, cor, gênero etc., assumiria uma percepção de que "é preciso aproveitar a vida" e que eles tem 'juventude' para isso" (op. cit., p. 184). Assim, ser jovem seria fazer uma miscelânea de sensações relacionadas com aventura, risco e distância da morte. O que, segundo a pesquisadora, parece deslocar as crenças e opções religiosas juvenis "mais para o 'aqui e agora', para manter e projetar a vida, do que para a preocupação com o destino após a morte" (op. cit., p. 184).

Ora, mediante esta leitura, me perguntei: se os jovens estariam pré-dispostos à não-preocupação com a morte, à vontade de arriscar-se, qual o sentido de crer na vida após a morte? Ao mesmo tempo, seria essa instabilidade na vida que os faria crer nos milagres? Teriam uma necessidade de apegar-se em algo transcendente para se sentirem mais seguros? E, se estão vivendo tão ilimitadamente, despreocupados, qual o sentido que atribuem ao demônio e aos anjos? Estariam livres do "mal" e protegidos pelo "bem"? Ou, será que as crenças estão relacionadas com a confissão religiosa? De modo que os jovens religiosos estariam menos propensos a se apropriarem deste ethos que lhes é próprio? Assim, estamos diante da possibilidade de relativização das moratórias social e vital enquanto categorias de caracterização da juventude, ou seja, a religião influenciando na maneira como os jovens se apresentam enquanto "uma condição de ser" e estar na sociedade.

Além disso, a falta de clareza dos jovens estudantes entrevistados ao se posicionar diante dos temas moralidade e sexualidade, evidenciado pelo fato de eles, ora tomarem posturas mais abertas, ora mais fechadas, e ao mesmo tempo posturas que levam em conta as confissões religiosas que disseram ter, revela que estas religiões podem exercer uma relativa influência no modelo de condutas dos jovens, estabelecendo, pelo menos neste momento e nos casos mostrados, "um comportamento social motivado por preocupações religiosas" (CAMURÇA; TAVARES, 2004). Sobretudo quando consideramos a posição dos jovens protestantes e pentecostais, que polarizavam a escala de concordância com os valores que limitam o controle do corpo, tais como a virgindade e a fidelidade, e de oposição à liberalização sexual, como o aborto e a união ho-

mossexual, fica nítido o peso da religião em seus posicionamentos.

Um outro ponto a se destacar é em relação à tolerância religiosa. Os dados da pesquisa revelaram que os jovens protestantes e pentecostais se mostraram mais intolerantes quanto a aceitação de amigos e casamento com pessoas de qualquer religião. Este seria mais um exemplo da religião influenciando diretamente a conduta da juventude, neste caso, suas relações de sociabilidade. Dayrell (2004) chama atenção, em seu estudo sobre jovens participantes de grupos culturais, para a centralidade atribuída pelos jovens às relações que eles estabelecem com seus pares, através da convivência cotidiana nos grupos de dança, grafite, teatro etc. Partindo desta constatação, ele passa a analisar as relações que os jovens estabelecem entre si nos grupos culturais tomando como referência o conceito de sociabilidade. Segundo ele, a sociabilidade é em Simmel⁵ "uma forma, dentre outras possíveis de sociação" (op. cit., p. 10). Sua especificidade seria a de caracterizar-se por ser vazia de conteúdos, ou seja, a convivência é o fim da própria convivência. No campo da sociabilidade, os indivíduos se satisfazem em estabelecer laços, que têm em si mesmos a razão de ser. Como o interesse maior é a própria relação "a dimensão do compromisso e da confiança cimentam tais relações" onde cada um respeita as expectativas do outro (op. cit., p. 11). Complementando essa discussão, Dayrell se refere a Giddens (1995) e à sua noção de relação pura. Para Giddens, as relações de amizade na modernidade se baseiam mais no prazer da própria relação do que nas condições externas. O que fundamenta uma relação pura é o compromisso que se estabelece entre os pares, o "que é fruto de uma escolha e não de uma imposição" (op. cit., p. 12). Um outro aspecto desta relação para Giddens é a intimidade, condição imprescindível para que se atinja uma estabilidade a longo prazo na relação entre os parceiros.

Essa questão da existência dos grupos de pares, conclui Dayrell, além de ser "parte fundamental da vida social, sendo mais essencial ainda no período da juventude", foi sinalizada em muitos estudos sobre o segmento como "constitutivos da singularidade da condição juvenil das camadas populares", já que usam do lazer e da diversão como possibilidades para o desenvolvimento das relações de sociabilidade e a "busca de novas referências na estruturação de identidades coletivas e individuais" (op. cit., p. 12). As redes de relações construídas "em torno dos grupos culturais e suas relações solidárias são fundamentais para o reforço e a garantia de identidade individual e coletiva" (op. cit., p. 16).

Levando em consideração o exposto sobre a sociabilidade dos grupos juvenis, me parece plausível considerar que a participação nas atividades de uma religião estabelece entre os jovens, que se tornam pares, relações de sociabilidade, de intimidade, de compromisso, reforçando suas identidades tanto coletivas quanto individuais. Cria-se, entre eles, uma identidade religiosa,

5. Dayrell cita o texto de Simmel: "Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura e formal" como referência a consideração de sociação.

que enrijece seus comportamentos sociais, neste caso motivados pela religião. Deste modo, o jovem se liga com mais centralidade à religião e suas características específicas, o que implicaria, uma ligação também mais convergente, mais sociável entre os outros pares. Deste modo, a atitude de intolerância é compreendida como um comportamento influenciado pela sociabilidade religiosa. "Não aceito amigos" ou "um cônjuge" de outra religião, porque não estabeleço com eles uma relação de sociabilidade.

Além disso, sobretudo entre os protestantes e pentecostais que assumem uma atitude "ascética" de "fuga contemplativa do mundo", privilegiando um controle interno do comportamento de seus fiéis, se mostra mais forte a identificação com sua religião. Ao meu ver, esta passagem de Weber (2003) explica bem o que aqui chamo de maior controle interno do comportamento e identificação com a religião:

O ascetismo cristão, que de início fugia do mundo para a solidão, já o tinha dominado a partir do mosteiro e pela Igreja. Com isso, todavia, não alterava o caráter natural, espontâneo da vida cotidiana no século. Agora ele adentrou no mercado da vida, [...] tentou penetrar exatamente naquela rotina diária com sua meticulosidade, e amoldá-la a uma vida racional, mas não deste mundo, nem para ele (op. cit., p.116).

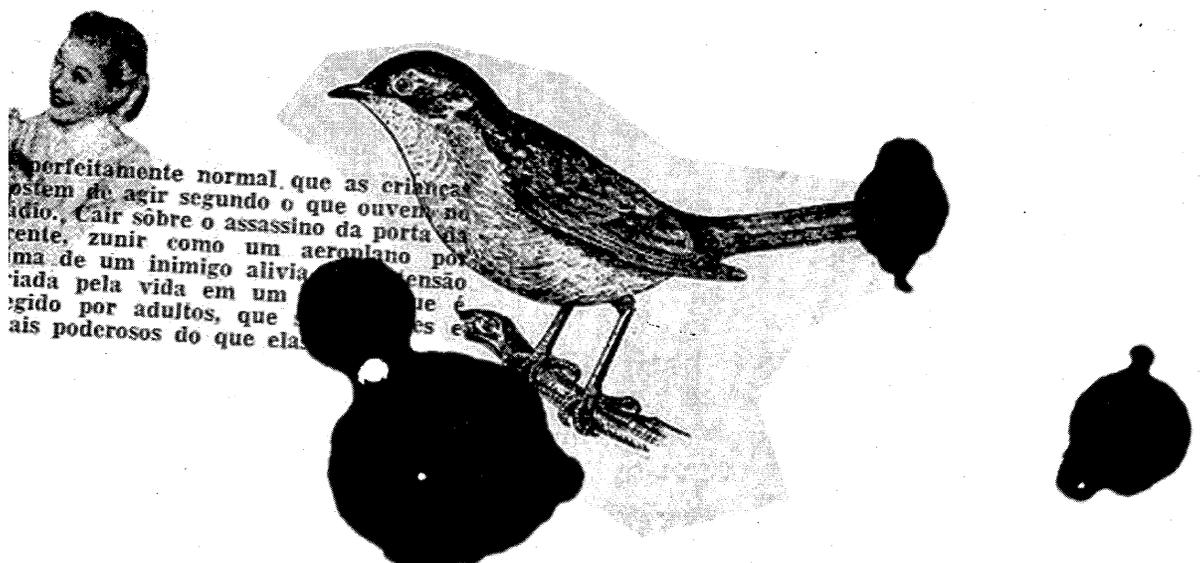
O ascetismo penetrado na vida cotidiana do cristão, que modula sua vida racional para fora do mundo, faz com que os pentecostais tenham seu comportamento controlado para o interno, para si mesmos, identificando-se com a religião penetrada pelo ascetismo, aquela que lhe permite afugentar-se do mundo, o que nos sugere compreender, por este ângulo, as atitudes de intolerância.

Assim, os três casos aqui citados mostram

que a religião influencia e por vezes determina a conduta e o modo de ser jovem, seja através da relativização das moratórias que as caracterizam; ou no seu posicionamento frente a questões que giram em torno dos valores morais e sexuais; ou nas suas relações de sociabilidade. Deste modo, me parece plausível considerar a possibilidade de se pensar na religião também como uma das variáveis de compreensão da juventude e dos seus modos de ser. A pioneira dos estudos deste tema já apontava que entre as várias diferenciações que recortam a juventude (de classe, gênero, raça, familiar) existem fronteiras que as reforçam ou as flexibilizam. Seriam variáveis "que funcionam como demarcadores de identidades não só porque refletem a adesão a um certo conjunto de valores e referências culturais, mas também porque criam redes de sociabilidade específicas". E dentre estas variáveis estão os "pertencimentos associativos, religiosos e políticos" (NOVAES, 2001, p.184).

Indo um pouco mais longe, creio na possibilidade de sugerir a existência de um modo jovem de ser jovem religioso. Os jovens ligados a grupos religiosos, em seus processos de construção e constituição como sujeitos se "apropriam [deste contexto] social, transformado em representações, aspirações e práticas, que interpreta e dá sentido ao seus mundos e às relações que mantém", adquirindo assim, um modo jovem de ser religioso (DAYRELL, 2003, p.7).

Por fim, a título de lembrança: este texto foi uma maneira de mostrar a importância da relação entre as variáveis juventude e religião. Percebendo a religião como um privilegiado viés para as tentativas de compreensão e análise da realidade sociocultural de um grupo, creio que ela é uma variável interessante para se pensar a juventude. As sugestões aqui pensadas, pretendo pesquisar com maior rigor e profundidade brevemente.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena. (1994), *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo, Escrita,
- BABBIE, Earl. (1999), *Métodos em pesquisa de survey*. Tradução de Guilherme Caezarino. Belo Horizonte: UFMG.
- CAMURÇA, A. Marcelo; TAVARES, R. G. Fátima. (2004), *Juventudes e religião no Brasil: novas perspectivas de abordagem da juventude*. Texto apresentado no "Fórum Juventudes, Cultura e Espaço Urbano: Religião e Política" na XXIV Reunião Brasileira de Antropologia.
- CAMURÇA, Marcelo e TAVARES, Fátima. (2004), *Religião e Juventude em Minas Gerais*. Texto apresentado na XXIV Reunião Brasileira de Antropologia.
- DAYRELL, Juarez. (2003), "O jovem como modelo social". *Revista Brasileira de Educação*, 24.
- _____. Juventude, grupos culturais e sociabilidade. 2004 (no prelo).
- FEIXA, Carlos. (1998), *De jóvenes, bandas y tribus*. Barcelona: Ariel.
- GIDDENS, Anthony. (1995), *Modernidad e indentidade del yo y la sociedad em la epoca contemporanea*. Barcelona, Ediciones Península,
- MARGULIS, M. & URRESTI, M. (1996), *La Juventud es más que una palabra*. Buenos Aires, Bilbos.
- NOAVES, R & MAFRA, C. (1994), "Juventude: Conflito e Solidariedade". *Comunicações do ISER*, 50.
- NOAVES, R. (1994), "Religião e Política: sincretismo entre alunos de Ciências Sociais" *Comunicações do ISER*, 45.
- _____. (2001), "Juventude e Religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas", in Pierre Sanchis (org.), *Fiéis e Cidadãos: percursos do sincretismo no Brasil*,
- PERALVA, Angelina. (1997), "O jovem como modelo cultural". *Revista Brasileira de Educação*, 5/6.
- PEREZ, Léa Freitas; OLIVEIRA, Luciana de; ASSIS, Marcos Arcanjo de. (s.d.), *Religião, cultura, valores morais e política entre a juventude do Pólo Capital - observações preliminares*. Belo Horizonte, datilo.
- STEIL, C. A. & ALVES, D. & HERRERA, S. (2001), "Religião e Política entre os alunos de Ciências Sociais: um perfil". *Debates do NER*, 2.
- WEBER, Max. (2003), *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo, Editora Martin Claret.